



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS — HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

NICOLLI MARZOVILLA PAPA

**MARK BLACKTHORN E A ANALOGIA DA INTOLERÂNCIA RACIAL EM OS
ARTIFÍCIOS DAS TREVAS, DE CASSANDRA CLARE**

**PALMAS
2023**

NICOLLI MARZOVILLA PAPA

**MARK BLACKTHORN E A ANALOGIA DA INTOLERÂNCIA RACIAL EM OS
ARTIFÍCIOS DAS TREVAS, DE CASSANDRA CLARE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado no curso de licenciatura em letras — habilitação em língua portuguesa do Instituto Federal do Tocantins, *campus* Palmas.

Orientadora: Profa. Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar

PALMAS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

P213m Papa, Nicolli Marzovilla
Mark Blackthorn e a analogia da intolerância racial em Os
Artifícios das Trevas, de Cassandra Clare / Nicolli Marzovilla Papa. –
Palmas, TO, 2023.
45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientadora: Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar

1. Literatura fantástica. 2. Intolerância racial. 3. Racialização. I.
Aguiar, Elaine Cristina Rodrigues. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NICOLLI MARZOVILLA PAPA

**MARK BLACKTHORN E A ANALOGIA DA INTOLERÂNCIA RACIAL EM OS
ARTIFÍCIOS DAS TREVAS, DE CASSANDRA CLARE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado no curso de licenciatura em letras — habilitação em língua portuguesa do Instituto Federal do Tocantins, *campus* Palmas.

Aprovado em: 29 / 11 /2023

BANCA EXAMINADORA



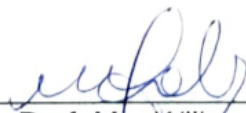
Profa. Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar
Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins — *campus* Palmas



Profa. Ma. Daniella Lima da Costa Teodoro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins — *campus* Palmas



Prof. Me. Wilken Figueredo Matos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins — *campus* Palmas

Para aqueles que navegam pela imaginação, onde dragões são reais e feiticeiros pagam impostos: que este trabalho os guie pelo labirinto da fantasia, onde a verdade floresce na ficção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu pai por ter me dado todos os meios do mundo para me fazer crescer e estudar o que eu amo. Por compartilhar minhas leituras. E por ser minha melhor companhia de conversas e aperitivos na sexta à noite. Carregarei sua companhia e seus conselhos para sempre no meu coração.

À minha mãe por todas as vezes que me fez moderar: quando me mandou parar de escrever e descansar; quando falou que eu estava trabalhando demais; quando me proibiu de ler para estudar para a prova de matemática. Obrigada por me ensinar que eu preciso viver a minha vida!

Ao João Victor por todas as vezes que escondeu meu celular e sentou do meu lado para me obrigar a escrever quando eu estava com preguiça; por sempre escutar as histórias que me cativam e me incentivar a fazer algo com elas; mas, acima de tudo, obrigada por fazer a minha vida mais leve.

Às amigadas que a faculdade me deu: Sarah, Tamires, Rayane, Paulo Henrique. Mas, em especial, à Amannnda Faustino. Quero carregar você como minha duplinha para o resto da vida. Obrigada por sua amizade, sua organização e seu brio, que me ajudaram muito ao longo desse trajeto. Espero ter a sorte de trabalhar ao seu lado novamente.

À Meg por ter ficado no meu pé durante todo o trabalho e me amado muito.

À Rafaela por estar constantemente me fazendo acreditar em mim mesma.

Ao Ricardo por acabar com a minha paciência e ser meu cúmplice. Peixe.

À banca e a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória. Da educação básica ao superior, obrigada por sua orientação, apoio e conhecimento compartilhado ao longo da minha jornada acadêmica. Cada conselho, discussão em sala de aula e revisão crítica foram fundamentais para o meu crescimento como estudante e pesquisadora. Sem a inspiração e dedicação de vocês, este trabalho não teria alcançado seu potencial.

E, por fim, à minha maravilhosa orientadora: Elaine. Obrigada por ter acreditado em mim, aceitado participar dessa jornada megalomaníaca e ser uma orientadora melhor do que eu poderia ter sonhado. Você me inspira a orientar como você quando crescer na minha vida acadêmica.

“Existe verdade nas histórias — disse Arthur. — Existe verdade em uma de suas pinturas, menino, ou em um pôr do sol, ou em um verso de Homero. Ficção é verdade, mesmo que não seja fato. Se você só acredita em fatos e se esquece das histórias, seu cérebro vive, mas seu coração morre.”

Cassandra Clare

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso explora a interseção entre a fantasia e a realidade por meio das obras da autora norte-americana Cassandra Clare. A pesquisa se concentra na trilogia *Os Artíficos das Trevas*, publicada no Brasil entre 2016 e 2019, destacando a questão da intolerância racial entre os Caçadores de Sombras e o Povo das Fadas. Assim, o objetivo é analisar a intolerância racial sofrida pela personagem fantástica Mark Blackthorn na trilogia, a fim de perceber as analogias com o nosso mundo e suas motivações. Para isso, foi feita a síntese do universo dos livros, as personagens, o foco narrativo, o enredo da obra e traçou-se a trajetória da personagem Mark Blackthorn com o intuito de melhor compreender o contexto em que se dará a análise. Posteriormente, discutiu-se os casos de intolerância racial investigados com a finalidade de traçar paralelos entre a ficção do livro e o mundo real, utilizando-se da teoria de racialização do sociólogo Octavio Ianni (2004). Por fim, teorizou-se sobre a literatura fantástica e sua importância social e a alegoria, tendo como base Todorov (2008), Roas (2014) e Ceia (1998).

Palavras-chave: Literatura fantástica. Intolerância racial. Racialização. Alegoria.

ABSTRACT

This dissertation explores the intersection between fantasy and reality in Cassandra Clare's books. The research focuses on the trilogy *The Dark Artifices*, published in Brazil from 2016 to 2019, highlighting the issue of racial intolerance between Shadowhunters and Faeries. Thereby, the goal is to analyze the racial intolerance suffered by the fantastic character Mark Blackthorn in the trilogy, in order to understand the analogies with reality and its motivations. Therefore, a synthesis of the universe of the books, the characters, the narrative focus, the plot of the trilogy was made and the trajectory of the character Mark Blackthorn was traced, aiming to better understand the context of the analyses. Furthermore, cases of racial intolerance were discussed with the purpose of drawing parallels between the book's fiction and the real world reality, using the sociologist Octavio Ianni's (2004) theory of racialization. Finally, there was a theorization about fantastic literature and its social importance and allegory, based on Todorov (2008), Roas (2014) and Ceia (1998).

Key words: Fantastic literature. Racial intolerance. Racialization. Allegory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CASSANDRA CLARE: UMA ESCRITORA FANTÁSTICA.....	12
1.1 Caçadores de Sombras: uma sociedade pautada em preconceitos.....	13
1.2 A trajetória de Mark Blackthorn.....	18
2. A ANALOGIA DA INTOLERÂNCIA RACIAL EM OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS.....	30
2.1 A racialização em Os Artíficos das Trevas.....	31
2.2 A alegoria na literatura fantástica e seu papel social.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42
GLOSSÁRIO.....	44

INTRODUÇÃO

Os livros de fantasia são conhecidos por criarem universos mágicos em que tudo é possível. Contudo, a verdade é que esses mundos fantásticos se assemelham muito mais à nossa realidade do que se imagina. Isso ocorre porque os autores recorrem à problemáticas reais para criarem suas histórias.

Esse é o caso da escritora Cassandra Clare, nascida no Irã, filha de norte-americanos, que passou sua infância morando em várias partes do mundo com sua família, como França, Inglaterra e Suíça, até se instalar em Los Angeles, nos Estados Unidos. De criação judia, é estudiosa de diversas mitologias e religiões, e suas obras refletem os vários países em que morou e suas diferentes crenças, trazendo temáticas importantes como intolerância racial e religiosa, homofobia, gordofobia, os perigos de um governo ditatorial e o capacitismo de pessoas com deficiência.

Sendo assim, Clare se utiliza de situações análogas à realidade para criar seus livros de fantasia, em especial no que tange à questão de cunho racial. Esse é o caso da trilogia *Os Artíficos das Trevas*, sua terceira coleção, lançada no Brasil entre 2016 e 2019, que retrata um regime de hegemonia e intolerância racial entre os Caçadores de Sombras¹ (também chamados de Nephilim) e o Povo das Fadas.

Isso porque, no contexto do fim de uma guerra sangrenta entre Caçadores de Sombras e o Povo das Fadas, os preconceitos e os pensamentos de superioridade racial se fazem cada vez mais nítidos entre ambos os povos. Aqueles que sentem essa tensão de forma intensa são os membros da família Blackthorn, os quais não só ficaram órfãos após a guerra, mas também seus dois irmãos mais velhos, que passariam a tomar conta da família, foram exilados por serem filhos de um Nephilim com uma fada.

Assim, no contexto da trilogia, a família Blackthorn é formada por sete irmãos, visto que todos os progenitores estão mortos. Mark e Helen são filhos de Andrew Blackthorn, um Caçador de Sombras, com Lady Nerissa, uma fada. Posteriormente, Andrew se casou com uma Caçadora de Sombras, Eleanor, dando a eles cinco meio-irmãos: Julian, Ty, Livvy, Dru e Tavy.

¹ Ao longo da pesquisa, os termos que foram retirados da trilogia serão apresentados com letra maiúscula ou minúscula conforme são utilizados nas obras.

Dessa forma, ainda que a protagonista do livro seja a Caçadora de Sombras Emma Carstairs, como mestiços de duas raças, Helen e Mark Blackthorn centralizam as diversas formas de manifestação da intolerância racial presentes na trilogia d'*Os Artíficos das Trevas*. Todavia, Helen pouco aparece na coleção, uma vez que permanece afastada, ao passo que Mark consegue retornar para casa cinco anos após ter sido levado pelas fadas. Assim, o estudo terá por objetivo investigar os casos de intolerância racial sofrido por Mark com o intuito de compreender suas motivações.

Para isso, ao longo do trabalho, acompanharemos a história de Mark Blackthorn ao longo da trilogia *Os Artíficos das Trevas*. O primeiro livro, *Dama da Meia Noite*, se passa cinco anos após o fim da Guerra. Nele, Mark retorna para sua família após anos em cativeiro e precisa se adaptar a viver como um Caçador de Sombras novamente. No segundo volume, *Senhor das Sombras*, Mark sofre os preconceitos por ser um mestiço de forma mais direta, uma vez que recebe em sua casa um grupo distinto de Nephilim, que não esconde suas repulsas em relação às fadas. Por fim, no terceiro livro, *Rainha do ar e da escuridão*, Mark irá lutar para acabar com o regime de segregação feito pelos Nephilim.

Para que isso fosse possível, este trabalho foi sistematizado em capítulos. O primeiro sintetiza o universo dos livros, as personagens, o foco narrativo, o enredo da obra e traça a trajetória da personagem Mark Blackthorn. Posteriormente, o segundo discute os casos de intolerância racial investigados com a finalidade de traçar paralelos entre o universo fantástico criado por Clare e o nosso mundo, além de teorizar acerca da alegoria na literatura fantástica e sua importância social. Em seguida, são apresentadas as considerações finais. Por fim, como elemento pós-textual, há um glossário com os termos retirados da obra de Cassandra Clare, a fim de auxiliar na compreensão do leitor.

1. CASSANDRA CLARE: UMA ESCRITORA FANTÁSTICA

Embora Cassandra Clare seja uma escritora com uma vida particular muito reservada, encontramos informações pertinentes em sua biografia no seu site oficial². Nesse material, a autora relata ter encontrado intimidade no mundo dos livros justamente por sua família viajar muito. Posteriormente, adentrou o universo da escrita criando histórias para seus colegas de classe e fanfics³ sobre *Harry Potter*⁴ e *O Senhor dos Anéis*⁵. Após sua graduação na faculdade, escreveu matérias sobre celebridades para revistas de fofoca e tablóides, enquanto trabalhava em seu primeiro livro.

Apenas em 2007 que Clare teve sua estreia como autora ao publicar, nos Estados Unidos, o livro *Cidade dos Ossos*, que logo se tornou um “*best seller*”. Ele fez um sucesso estrondoso, culminando em uma coleção com o total de seis volumes, intitulada *Os Instrumentos Mortais* (no Brasil, de 2010 a 2014), a qual deu reconhecimento mundial à autora e iniciou a construção de seu universo fantástico.

De acordo com informações fornecidas pela Galera Record, editora responsável pela publicação dos livros de Clare no Brasil, a autora já foi traduzida para mais de 35 línguas. Além disso, seus mais de 30 livros publicados lhe concederam uma legião de fãs, inclusive brasileiros. Justamente por conta disso, a escritora já esteve no país duas vezes como convidada para a Bienal do Livro, em 2014 (São Paulo) e setembro de 2023 (Rio de Janeiro).

Até o momento, muitos dos livros publicados por Clare se passam no mesmo universo, inclusive a trilogia analisada neste trabalho, *Os Artíficos das Trevas*. Dentro da cronologia das obras da autora, os acontecimentos d’*Os Artíficos das Trevas* estão diretamente relacionados com os eventos que encerram a coleção *Os Instrumentos Mortais*. Portanto, faz-se necessário primeiramente entender a construção do universo fantástico de Clare e o contexto da primeira saga antes de adentrarmos nos acontecimentos que serão analisados.

² (MY BIO — CASSANDRA CLARE, 2023)

³ Fanfics são histórias ficcionais criadas por fãs. Geralmente, são baseadas em personagens, enredos e universos preexistentes, como livros, filmes, jogos e artistas.

⁴ *Harry Potter* é uma coleção de sete livros de fantasia escritos pela autora britânica J. K. Rowling, e publicadas no Reino Unido de 1997 a 2007.

⁵ *O Senhor dos Anéis* é uma trilogia de fantasia escrita por J. R. R. Tolkien e publicada entre 1954 e 1955.

1.1 Caçadores de Sombras: uma sociedade pautada em preconceitos

No universo criado por Clare, durante as Cruzadas, a Terra era frequentemente invadida por demônios. Por conta disso, um guerreiro invocou o Anjo Raziel em busca de ajuda. Assim, Raziel misturou seu sangue com o dos humanos em um cálice, o Cálice Mortal, e o ofereceu para que o guerreiro e seus companheiros bebessem. Esse ato transformou tanto a si próprios quanto a seus descendentes em Caçadores de Sombras, ou Nephilim, concedendo-lhes poder para enfrentar os demônios.

Após receber o sangue do Anjo, o Cálice se tornou mágico, podendo transformar os humanos que dele bebessem em Caçadores de Sombras, num ato chamado de Ascensão. Contudo, nem todos são capazes de sobreviver ao processo. Por conta disso, os humanos são testados e avaliados. Ademais, o conteúdo do Cálice é nocivo para membros do Submundo.

A partir de então, os Caçadores de Sombras se tornaram humanos mais rápidos, fortes e resistentes do que mundanos⁶. Além disso, eles podem se marcar com símbolos que lhes dão poderes temporários, como equilíbrio e cura. A princípio, a sina dos Caçadores de Sombras é proteger o mundo das invasões demoníacas e, para isso, estão espalhados por todos os países. Contudo, eles mesmos se incumbiram da missão de proteger os mundanos e manter o Mundo das Sombras em segredo.

Para que isso fosse possível, os Nephilim construíram uma sociedade própria, constituída por sua cultura, costumes e tradições. Mas, acima de tudo, eles possuem um governo próprio, regido por rígidas Leis, chamadas de “Pacto”.

A Clave era simplesmente o governo dos Nephilim, composto por todos os Caçadores de Sombras ativos acima dos 18 anos.

Teoricamente todos os Caçadores de Sombras tinham direito a voto e uma voz igual. Inclusive, alguns Caçadores de Sombras eram mais influentes que outros: como qualquer partido político, a Clave sofria de corrupção e preconceitos. Para os Nephilim isso significava um código rígido de honra e regras que todos os Caçadores de Sombras deveriam seguir ou enfrentariam severas consequências.

A Clave tinha um lema: a Lei é dura, mas é a Lei. Todos os Caçadores de Sombras sabiam o que isso significava. As regras da Lei da Clave tinham que ser obedecidas, por mais duras ou dolorosas que fossem. A Lei se

⁶ O termo “mundano” é a forma como são chamados os humanos que não fazem parte do mundo mágico de Clare e, geralmente, estão alheios à sua existência.

sobrepunha a todo o restante — necessidades pessoais, dor, perda, injustiça, deslealdade. Era a Lei. (CLARE, 2016, p. 23)

Diante desse contexto, é importante destacar que o governo dos Nephilim é organizado da seguinte forma: A “Clave” é o nome dado a todos os Caçadores de Sombras ativos com mais de 18 anos e podem participar das discussões e votações; o “Conselho” é o corpo governante, responsável pela criação das leis, e composto por um grupo de Caçadores de Sombras e um representante de cada tipo de membro do Submundo; o “Cônsul” é o mais alto oficial do Conselho; por fim, o “Inquisidor” é um alto funcionário da Clave, que deve investigar os Nephilim a fim de que sigam a Lei.

E é justamente na inflexibilidade de seu governo, nas missões que os Caçadores de Sombras se deram e na origem de sua criação que estão enraizados os preconceitos em relação ao Submundo. Assim, o primeiro fator a se considerar é a forma que seus integrantes são feitos: os lobisomens e vampiros são humanos infectados por doenças demoníacas; os feiticeiros são filhos de demônios com humanos; o Povo das Fadas é tão antigo que não se sabe como surgiu mas, por sua natureza astuta, muitos acreditam que sejam descendentes de anjos com demônios.

Diante disso, é possível perceber que a questão da hegemonia racial está presente até mesmo nos detalhes da escrita da autora. Ao se referir àqueles que não são Caçadores de Sombras, ela sempre escreve o nome das raças iniciando com letras minúsculas, tal qual “mundano”, “lobisomem”, “vampiro”, “fada”, “feiticeiro”. Todavia, ao falar não só dos Nephilim como também de sua sociedade, Clare utiliza maiúsculas, como “Caçadores de Sombras”, “Lei”, “Clave”, “Acordos”, “Pacto”. Para esse padrão, há apenas duas exceções, nos termos “Submundo” e “Povo das Fadas”.

No que se refere à palavra “Submundo”, pode-se analisar que, apesar de escrita com letra maiúscula, sua mera existência já é uma forma de exclusão. Isso porque ela separa o Mundo das Sombras em dois: os Caçadores de Sombras e os membros do Submundo. Em tese, essa divisão não é necessária, já que o próprio termo “Mundo das Sombras” seria capaz de contemplar todos os seres mágicos. Assim, é possível perceber que os Caçadores de Sombras se sentem superiores em relação aos demais ao ponto de não conseguirem se ver no mesmo grupo que eles.

Ademais, percebe-se também que ao utilizar o prefixo “sub”, em “Submundo”, Clare nos mostra que, de fato, esses povos são vistos como inferiores. Inclusive,

nota-se que isso foi muito bem traduzido para o português, porque nas versões em inglês o termo utilizado é “*Downworlders*”, que é a junção da palavra “*down*”, a qual pode ser traduzida como “abaixo” ou “debaixo”, designando uma inferioridade, e “*world*”, que significa “mundo”.

Já no que tange o uso das maiúsculas no termo “Povo das Fadas”, é necessário perceber que ele se refere à única raça, além dos próprios Caçadores de Sombras, que possivelmente possui sangue angelical. Mesmo assim, ao escrever apenas “fada”, Clare utiliza letra minúscula. Logo, nota-se que o sangue angelical é realmente visto como um fator determinante para a superioridade.

Desse modo, por serem descendentes diretos de um anjo, os Nephilim se consideram superiores. Essa soberba se estende até mesmo aos mundanos, uma vez que são rancorosos por precisarem arriscar as próprias vidas para defendê-los, mas precisando se manter no anonimato, sem receber créditos. Além disso, baseiam-se no fato de que os membros do Submundo possuem sangue demoníaco como um pretexto para não considerá-los dignos de confiança.

— Os Acordos foram uma boa ideia — falou Zara. — Mas toda ferramenta precisa ser afiada. Os Acordos precisam de melhorias. Feiticeiros deveriam ser regulados, por exemplo. São poderosos demais, e independentes demais. Meu pai planeja sugerir um registro de feiticeiros ao Conselho. Todo feiticeiro deve dar suas informações à Clave e ser rastreado. Se isso der certo, será estendido a todos do Submundo. Não podemos permitir que andem soltos por aí sem que saibamos por onde eles andam. (CLARE, 2017, p. 89)

Desse modo, o Submundo por muito tempo foi não só marginalizado, como também caçado pelos Nephilim. Sem uma lei que regulamentasse os comportamentos de ambas as partes perante a sociedade, muitos de seus integrantes foram mortos em conflitos ou simplesmente assassinados. Essa realidade só mudou com a assinatura dos “Acordos”.

Os Acordos, assinados em 1872, são uma ementa do Pacto. Eles são os tratados de paz e cooperação entre os Caçadores de Sombras e o Submundo. Contudo, apesar de um avanço, ele só foi assinado após muitas lutas e revoltas de ambas as partes, visto que nunca foi uma decisão unânime entre os Nephilim e o próprio Submundo, que não queria estar submetido à leis com eles, além da desconfiança mútua. Os Acordos são revisados e assinados por um representante de cada grupo a cada 15 anos.

A principal mudança que os Acordos trouxeram foi uma regulamentação nas atividades de ambos. Por um lado, Caçadores de Sombras só podem confrontar membros do Submundo que infringem as leis, como machucar mundanos ou revelar o Mundo das Sombras, diminuindo, assim, as perseguições e violências infundadas. Por outro, integrantes do Submundo passam a estar submetidos às Leis instauradas por um grupo que não os aceita, caso contrário podem ser punidos.

Entretanto, os mais de 800 anos de intolerância não puderam ser apagados com a assinatura dos Acordos. Na realidade, sua criação nunca foi algo unânime dentro da Clave e sempre gerou revoltas e controvérsias entre os Caçadores de Sombras, em especial aos grupos mais intolerantes. Essa situação se agravou ainda mais após os eventos que fecharam a coleção *Os Instrumentos Mortais*.

O fim dessa coleção retrata a Guerra Maligna, na qual um Caçador de Sombras, Sebastian, buscava tomar todo o poder da Clave para si. Para isso, ele se aliou com as fadas da Corte Seelie e criou sua própria versão do Cálice Mortal, chamada Cálice Infernal, que possuía sangue demoníaco. Assim, com o apoio das fadas Seelie, ele obrigou diversos Nephilim a beberem, transformando-os em guerreiros Crepusculares⁷.

Nesse contexto, é importante entender que as fadas são descritas como muito astutas e perversas e, uma vez que não conseguem mentir, manuseiam as palavras de modo manipulador. Devido a lenda de sua origem, elas são associadas à venustidade dos anjos e à malevolência dos demônios. Outra característica comumente atribuída ao Povo das Fadas é um senso de humor cruel; fazem barganhas e cumprem suas promessas com ironia e jogos de palavras, não entregando o resultado esperado. Todavia, possuem um grande senso de honra, e nunca quebram uma promessa.

Além disso, elas são divididas em duas cortes: a Corte Seelie, governada por uma rainha, e a Corte Unseelie, governada por um rei. Elas operam de forma independente e há muita tensão entre si. Nesse sentido, a Corte Seelie foi a única a se aliar a Sebastian, ao passo que os Unseelie sequer participaram da Guerra.

Uma vez transformados em Crepusculares, eles se tornavam corrompidos, não conseguiam mais pensar por si próprios e apenas seguiam as ordens de destruição de Sebastian, inclusive atacando as próprias famílias. Ademais, eles se

⁷ Termo oriundo do latim “Crepúsculo”, que significa baixa luminosidade ou o declínio de algo ou alguém.

tornaram ainda mais fortes do que eram antes. Por conta disso, os Caçadores de Sombras precisaram se aliar aos demais povos do Submundo para vencer esse grupo.

Apesar da ajuda dos membros do Submundo, os acontecimentos da Guerra Maligna serviram para emergir as intolerâncias e escrachar os preconceitos existentes na sociedade Nephilim, aflorando um grupo que tem o objetivo de limitar os direitos dos integrantes do Submundo: a Tropa. Desse modo, esses Caçadores de Sombras da Clave apenas encontraram uma desculpa para punir e monitorar o Submundo, criando a chamada “Paz Fria”, que foi instaurada como uma forma de punir todas as fadas, de ambas as cortes, pela Guerra, mesmo que quem a iniciou tenha sido um Nephilim.

A Paz Fria era a Lei dos Caçadores de Sombras. Fora instituída há quase cinco anos. Ele mal se lembrava de um tempo anterior à ela. Eles a chamavam de Lei, pelo menos. Na verdade, era uma punição.

[...] Um Caçador de Sombras, Sebastian Morgenstern, se voltou contra a própria espécie: foi de Instituto em Instituto, destruindo os ocupantes, controlando seus corpos e os forçando a lutar por ele como um exército de escravos mudos e submissos. [...]

Sebastian teve ajuda do Povo das Fadas em sua tentativa de destruir os Caçadores de Sombras. [...]

Como as fadas eram do Submundo e juraram aliança e lealdade aos Caçadores de Sombras, a traição foi um crime imperdoável. Os Caçadores de Sombras as puniram pesadamente com uma ação decisiva que passou a ser conhecida como Paz Fria: **forçaram-nas a pagar indenizações altíssimas para reconstruir os edifícios dos Caçadores de Sombras que foram destruídos, despojando-as de seus exércitos, e instruindo outros integrantes do Submundo a jamais as auxiliarem.** O castigo por ajudar uma fada era severo. (CLARE, 2016, p. 14, grifo nosso)

Assim, ao analisarmos o grifo nosso da citação anterior, é possível percebermos uma semelhança com o Tratado de Versalhes, assinado pela Alemanha. Isso porque, após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi obrigada a assinar esse tratado que a responsabilizava pela Guerra e cujos alguns dos principais termos eram justamente indenizar os países vencedores pela destruição causada e grandes limitações de poderio militar e do exército.

E é justamente nesse contexto que se passa a trilogia analisada, *Os Artíficos das Trevas*. Nela, nos deparamos com a família Blackthorn, que é deixada órfã após o único de seus progenitores ainda vivo, Andrew Blackthorn, ser transformado em Crepuscular e morto na Guerra Maligna.

Andrew teve dois casamentos. O primeiro foi com uma fada, com quem teve dois filhos, Helen e Mark. Posteriormente, ele se casou com uma Caçadora de Sombras, a qual, antes de falecer, o ajudou a criar os filhos do primeiro matrimônio e com quem teve mais cinco crianças: Julian, Ty, Livvy, Dru e Tavy. Desse modo, os sete irmãos foram criados juntos, em uma relação harmoniosa, como Caçadores de Sombras.

Diante da morte do pai, os filhos mais velhos, Mark e Helen Blackthorn, passariam a tomar conta da família. Contudo, por conta dos acontecimentos da Guerra e da instauração da Paz Fria, ambos foram separados de seus irmãos por serem parte fada, em um exílio velado, ainda que sejam Nephilim e tenham lutado ao lado dos Caçadores de Sombras na Guerra.

Ao longo da trilogia *Os Artíficos das Trevas* acompanhamos Mark Blackthorn regressar para sua família cinco anos após seu afastamento. Desse modo, veremos como os preconceitos com Mark se tornam cada vez mais escrachados. Um mestiço cuja mãe é uma fada e o pai um Caçador de Sombras, Mark sempre sofreu ao ser criado em meio aos Nephilim. Todavia, após a Guerra Maligna e a Paz Fria, fez-se o pretexto necessário para exilá-lo. É por conta disso que esta pesquisa foca em seu personagem, e o próximo tópico se dedicará a contar sua história.

1.2 A trajetória de Mark Blackthorn

Mark Blackthorn é filho de uma fada nobre da Corte Seelie, Lady Nerissa, com um Caçador de Sombras, Andrew Blackthorn. No universo de Clare, o sangue Nephilim é dominante e, portanto, apesar de Mark possuir características físicas de fada, como as orelhas pontudas e o rosto delicado, ele tem as habilidades de um Nephilim e pode se marcar com os símbolos de poder.

Além disso, tendo em vista que sua mãe morreu quando ele era muito novo, Mark não teve muito convívio com a parte fada da família. Apesar dos olhares de desconfiança que recebeu desde criança por parte dos intolerantes, ele foi criado pelo pai e pela madrasta, sempre conviveu muito bem com os meio-irmãos, seguiu todos os costumes e tradições dos Caçadores de Sombras, cumpriu seu dever combatendo demônios e seguindo as Leis da Clave.

Contudo, quando Mark estava com 16 anos, Sebastian invadiu a residência da família Blackthorn em Los Angeles junto com seus aliados da Corte Seelie. A

intenção dele era transformar todos os adultos, inclusive Mark, em seus guerreiros Crepusculares. Todavia, uma vez que as fadas perceberam que ele é o filho de Lady Nerissa, decidiram levá-lo para o Povo das fadas e Mark passou a fazer parte da Caçada Selvagem, uma organização que não pertence a nenhuma das duas cortes.

Todo Caçador de Sombras conhecia o nome de Mark Blackthorn. O menino meio fada, meio Nephilim que foi levado durante a guerra e integrado à Caçada Selvagem, as piores fadas. As que cavalgavam pelo céu uma vez por mês, atacando humanos, visitando campos de batalha, se alimentando de medo e morte, como falcões assassinos. (CLARE, 2016, p. 41)

Quando chegou ao Reino das Fadas, a recepção não foi calorosa. Sua identidade como um Nephilim imediatamente desencadeou uma intensa hostilidade por parte das fadas. Isso porque tortura e cólera foram as formas das fadas se manifestarem e se vingarem diante do ódio e medo arraigados contra os Caçadores de Sombras, cultivados ao longo de anos de coerção e desconfiança.

— Caçadores de Sombras — disse Wren.
 — Como sabe que eu estava pensando neles?
 — Porque eles estão bem ali. Dois deles. — Ela apontou com o queixo para direita, seus olhos brilhando, alarmados.
 Aliás, o Mercado inteiro estava tenso, pessoas casualmente ocultando suas garrafas e caixas de venenos e amuletos de cabeça mortos. Gênios acorrentados se esconderam atrás dos respectivos mestres. As meninas fadas pararam de dançar e ficaram olhando para os Caçadores de Sombras, suas faces belas agora frias e rijas. (CLARE, 2016, p. 11)

Logo, mesmo sob o risco de ser mais torturado, Mark tentou ajudar os Caçadores de Sombras durante o período da Guerra Maligna, ao mandar mensagens à Clave e aos seus meio-irmãos avisando sobre os planos das fadas. Ainda assim, ao fim da Guerra e com a vitória dos Caçadores de Sombras, vários membros do Conselho, em especial da Tropa, questionaram a lealdade dele e de sua irmã, Helen, e determinaram que ele não poderia ser resgatado da Caçada Selvagem e que ela seria “afastada” para estudar as barreiras do mundo mágico.

Contudo, os cinco meio-irmãos de Mark e Helen que ficaram por conta própria após a morte dos pais e do afastamento de seus irmãos mais velhos, sabem o que aconteceu: um exílio velado. A partir desse momento, os mais preconceituosos entre os Caçadores de Sombras se sentem no poder de falar o que de fato pensam e de justificar suas atrocidades com base no ocorrido. Como nos mostra o próprio Mark,

após escutar ofensas em um jantar com Caçadores de Sombras, quando consegue voltar para sua família.

— Eu devia ter esperado. Se eu tivesse sido um Caçador de Sombras atuante nos últimos cinco anos, sem dúvida, estaria mais acostumado a essas conversas.

— Por causa da Paz Fria?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Quando uma decisão como essa é tomada por um governo, encoraja aqueles que já são preconceituosos a verbalizarem seus pensamentos mais profundos de ódio. Eles supõem que são simplesmente corajosos o suficiente para falarem o que todos realmente pensam. (CLARE, 2017, p. 91)

Assim, no livro *Dama da Meia Noite*, o primeiro da trilogia *Os Artíficos das Trevas*, o Povo das Fadas precisa de ajuda dos Caçadores de Sombras e decidem usar Mark como uma moeda de troca. Sabendo que a Clave não iria aceitar ajudar nenhuma fada por conta da Paz Fria, os guerreiros fada recorrem em segredo à família de Mark, pois sabem que eles fariam de tudo para ter o irmão de volta.

— Suponho que Mark seja nossa moeda de troca, como colocou, mas não se esqueçam de que é culpa dos Nephilim o fato de precisarmos de uma. Houve um tempo em que os Caçadores de Sombras teriam investigado as mortes dos nossos por acreditarem em sua missão de proteger, mais do que no ódio que sentiam. (CLARE, 2016, p. 116)

Todavia, esse retorno é muito conturbado para Mark. Por ter sido afastado por cinco anos, ele tem dificuldade de se readaptar a conviver com seus irmãos, a princípio sequer os reconhecendo. Além disso, apesar das torturas que sofreu na terra das fadas, ele sente falta de seu amante fada, Kieran, e do estilo de vida que tinha lá.

— O que eu digo para eles?

— Para quem?

— Minha família. Meus irmãos e irmãs. Meu tio. — Ele balançou a cabeça.

— Eu me lembro deles e, ao mesmo tempo, não lembro. Sinto-me como se tivesse vivido a vida inteira aqui, mas ao mesmo tempo sempre estive com a Caçada Selvagem. Ouço os rugidos no meu ouvido, o chamado das cornetas, o barulho do vento. São mais fortes do que as vozes. Como explico isso?

— Não explique — respondeu Cristina baixinho. — Só diga que os ama e sentiu saudade deles todos os dias. Diga que detestava a Caçada Selvagem. Diga que está feliz por ter voltado.

— Mas por que eu faria isso? Não vão saber que estou mentindo?

— Não sentiu saudade deles? Não está feliz por ter voltado?

— Não sei — falou ele. — Não consigo ouvir meu coração ou o que ele me diz. Só ouço o vento. (CLARE, 2016, p. 144)

Isso nos faz perceber que Mark consegue ver os lados positivos e negativos dos dois povos. Isso porque, na realidade, ambos são cruéis com ele: as Fadas o mantiveram afastado de sua família e o torturaram por anos; os Caçadores de Sombras sempre o subjugarão e o exilaram sem motivo plausível. Assim, na realidade, Mark precisa escolher entre estar com sua família, porém submetido a um governo rígido que o despreza; ou na Caçada Selvagem, com seu amante fada, gozando de uma liberdade limitada mas sempre correndo o risco de ser fisicamente ferido. Essa dualidade é percebida até mesmo nas relações amorosas de Mark, nas quais não nos aprofundaremos, mas ocorrem com os dois povos: a Caçadora de Sombras Cristina, e o príncipe fada Kieran.

Portanto, ao longo do primeiro livro, Mark está focado nas próprias questões e escolhas que precisa fazer. Nesse sentido, é interessante analisar o foco narrativo da obra de Clare, que é o da onisciência seletiva múltipla (CHIAPPINI, 1997, p. 47), ou seja: a história é contada em terceira pessoa, com um narrador onisciente, que sabe de tudo o que acontece e conhece os personagens e seus pensamentos intimamente, mas o ponto de vista da narrativa muda várias vezes ao longo do livro, optando por focar na perspectiva de um personagem de cada vez.

Assim, quando o ponto de vista está focado em Mark, em especial no livro *Dama da Meia Noite*, ele pouco fala ou pensa na intolerância racial que sofre. A personagem está em um momento de tantos traumas e aprendendo a se readaptar, além de ter decisões difíceis a tomar, que a traição dos Caçadores de Sombras é algo secundário em sua mente.

Porém, quando o ponto de vista está em outros personagens, estão muito presentes falas e pensamentos que revelam a injustiça do governo dos Caçadores de Sombras e a intolerância. Uma das personagens que mais aborda a questão é a própria protagonista da trilogia, Emma Carstairs, uma jovem que também ficou órfã na Guerra Maligna e que mora com os Blackthorn por conta da amizade das duas famílias:

[...] Como tantas coisas, era contra a Lei. Emma nunca soube o motivo — não fazia o menor sentido — mas boa parte da Lei não fazia. Não fazia o menor sentido que a Clave exilasse os meio-irmãos de Julian, Helen e Mark, simplesmente porque a mãe deles era fada, mas também fizeram isso quando selaram a Paz Fria. (CLARE, 2016, p. 25)

Esse pensamento de Emma é a primeira menção direta feita sobre Mark na trilogia *Os Artíficos das Trevas*, e fala justamente sobre o fato de ele ser um mestiço e da injustiça que ele sofreu. Isso mostra o como esse tema é importante e muito presente para os moradores da residência Blackthorn.

Outra moradora da residência Blackthorn é Cristina Rosales. Cristina é uma Caçadora de Sombras mexicana que está hospedada na residência Blackthorn para fazer um intercâmbio. Por ser a única que não conheceu Mark antes de seu retorno, ela foi muito importante como uma mediadora entre ele e os irmãos. Além disso, sua família possui um grande histórico de amizade com fadas, e Cristina sempre se ressentiu da Paz Fria e do que ela significa:

— Mark Blackthorn foi parte do motivo pelo qual vim para cá — disse Cristina, um pouco tímida. — Sempre tive esperança de um dia conseguir um tratado melhor do que a Paz Fria. Algo mais justo com os integrantes do Submundo e com os Caçadores de Sombras que os amam. (CLARE, 2016, p. 41)

Além disso, essa questão também trouxe grandes impactos para a família. Isso porque a pessoa além do próprio Mark que mais sente as consequências do exílio, ainda que à distância, é seu irmão Julian, coprotagonista do livro. Na ausência de Mark e Helen, Julian era o mais velho dos irmãos Blackthorn. Assim, com a morte do pai e a proscricção dos mais velhos, ele precisou assumir a família e passar a tomar conta de seus 4 irmãos mais novos. A questão, entretanto, é que ele tinha apenas 12 anos.

— Mark?
 — Tenho pensado nele — disse Julian. — Mais do que o normal. Quero dizer, Helen sempre me atende ao telefone se eu preciso, mesmo estando na Ilha Wrangel. Mas é como se Mark estivesse morto.
 Emma se sentou ereta.
 — Não diga isso. Ele não está morto.
 — Eu sei. Sabe *como* eu sei? — perguntou Jules, com a voz rouca. — Eu procurava a Caçada Selvagem todos os dias. Estatisticamente, eles deveriam ter passado por aqui pelo menos uma vez nos últimos cinco anos. Mas jamais vieram. Acho que Mark não deixa.
 — Por que não? — Emma o encarava agora. Jules quase nunca falava assim. Não com esse amargor na voz.
 — Porque ele não quer nos ver. Não quer nenhum sinal da gente.
 — Porque ele ama vocês?
 — Ou porque nos odeia. Não sei. — Julian cavou incessantemente a areia.
 — Eu odiaria. Eu o odeio, às vezes. [...] Se ele estivesse aqui, meu Deus, tudo seria diferente. Teria sido diferente. Eu não precisaria estar em casa agora, caso Tavvy acorde. Nem seria uma atitude imoral caminhar até a praia porque preciso de um tempo. Tavvy, Dru, Livvy, Ty... eles teriam

alguém para criá-los. Mark tinha 16 anos. Eu tinha 12. (CLARE, 2016, p. 93-94)

Desse modo, Julian Blackthorn sente uma revolta e um peso muito grande da Clave por terem afastado Helen e não permitirem o resgate de Mark. Portanto, como se não fosse suficiente serem deixados órfãos após a Guerra, o racismo dos Caçadores de Sombras é tão grande ao ponto de desestabilizar a família ainda mais com o exílio dos irmãos.

Diante do exposto, é possível perceber que a intolerância presente n'Os *Artifícios das Trevas* é muito tangível. Ao contrário de algumas obras, como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Bronte, e o conto *O Gato Preto*, de Edgar Allan Poe, em que temos um narrador não digno de confiança segundo o teórico francês Paul Ricoeur (2010), na trilogia há toda uma rede familiar e personagens que falam sobre as injustiças que Mark sofreu, além dos casos expostos ao leitor. Assim, a narrativa de Clare nos conduz de modo a mostrar que a intolerância de fato ocorre. Diante desse pressuposto, no que se refere ao conceito de Ricoeur sobre um narrador digno de confiança, Dariana Gadelha (2014) enfatiza que

[...] esse tipo de narrador suprime a liberdade que o leitor tem de conceder outra interpretação, bem como tirar suas próprias conclusões, já que a todo o momento está conduzindo a leitura de uma maneira muito próxima, e essa exagerada proximidade acaba por envolver demasiadamente o leitor com os sentimentos, os julgamentos desse narrador dramatizado (GADELHA, 2014, p. 25)

Assim, é só no segundo volume da trilogia, *Senhor da Sombras*, que Mark de fato começa a pensar mais sobre a intolerância que sofre. Já tendo decidido permanecer com sua família, os Blackthorn são obrigados pela Clave a receber em sua casa um grupo distinto de Caçadores de Sombras, chamados de Centuriões, que estão cumprindo uma missão em Los Angeles.

Todavia, dentre os Centuriões, nos deparamos com a personagem Zara Dearborn. Ela é filha do líder da Tropa, e compactua com todos os ideais de que membros do Submundo são perigosos e, portanto, devem ter seus direitos restringidos.

— É raro uma revolução pedir menos e não mais direitos para as pessoas — retrucou Cristina.

Por um momento, a máscara de Zara caiu e Cristina enxergou através da educação fingida, a voz e a postura de garotinha ofegante. Havia algo frio por trás daquilo tudo, algo desprovido de calor, empatia ou afeição.

— **Pessoas? Quais Pessoas?** — perguntou ela. (CLARE, 2017, p. 561-562, grifo nosso)

É nesse contexto que vemos vários casos tangíveis de intolerância racial com Mark Blackthorn. Por ser metade fada e receber em sua casa um grupo de pessoas intolerantes, ele por vezes é o alvo de discursos ofensivos que ocasionam em alegações que mostram a forma de pensar dos membros da Tropa. Isso gera um ambiente hostil e repleto de tensão, no qual Mark se torna o símbolo daquilo que os extremistas desaprovam.

— Vários Caçadores de Sombras reclamando que suas estelas e lâminas serafim pararam de funcionar durante uma briga com algumas fadas — disse Zara, revirando os olhos. — Falamos que foi só uma ilusão; fadas jogam sujo, e alguém deveria ensinar isso na Academia.

— Fadas não jogam sujo, na verdade — disse Mark. — Jogam notavelmente limpo. Elas têm um severo código de honra.

— Honra? — Samantha e Dane riram ao mesmo tempo. — Duvido que você saiba o que isso significa, mes...

Eles se calaram. Era Dane quem estava falando, mas foi Samantha que ruborizou. A palavra solta pairou no ar. *Mestiço*.

Mark empurrou a cadeira para trás e se retirou.

— Lamento — falou Zara no silêncio após a saída do menino — , mas ele não deveria ser tão sensível. Vai ouvir coisa muito pior se for a Alicante, principalmente se for a uma reunião do Conselho.

Emma a encarou, incrédula.

— Isso não justifica nada — retrucou. — Só porque ele vai ouvir absurdos dos intolerantes do Conselho, isso não significa que tenha que ouvir antes em casa.

— Ou em qualquer momento em casa — disse Cristina [...] (CLARE, 2017, p. 113).

Desse modo, Clare se utiliza do contraste ideológico de seus personagens para criar diálogos que explicitam o modo de pensar dos membros da Tropa. Para isso, ela, por vezes, recorre a algumas das principais características de sua escrita, o humor e a ironia, a fim de mostrar como os ideais defendidos pelos extremistas são absurdos.

— Não gosto da palavra “intransigente” — falou Zara — O que eles (da Clave) são é tradicionais. Buscam restaurar as separações que sempre existiram entre os integrantes do Submundo e os Caçadores de Sombras. Misturar gera confusão.

— Quer dizer, vejam o que aconteceu com Alec Lightwood e Magnus Bane — disse Samantha, acenando com um garfo. — Todo mundo sabe que o Magnus usa influência com os Lightwood para fazer o Inquisidor pegar leve com os integrantes do Submundo. [...]

— Magnus jamais faria isso — disse Emma. [...]

— E o Inquisidor não julga membros do Submundo; só Caçadores de Sombras — disse Julian. — Robert Lightwood não poderia “pegar leve com integrantes do Submundo” nem que quisesse.

— Tanto faz. [...] A aliança entre Submundo e Caçadores de Sombras em breve vai acabar.

— Ninguém vai acabar com ela — disse Cristina. [...] — Isso é boato.

— Por falar em boatos — disse Samantha — ouvi dizer que Bane fez Alec Lightwood se apaixonar por ele usando um feitiço. — Seus olhos brilhavam, como se não conseguisse decidir se a ideia era interessante ou nojenta. [...]

— Fico imaginando o que vai acontecer quando o feitiço passar, nesse caso [...] Será péssimo para os integrantes do Submundo, se o Inquisidor não for simpatizante.

Ty parecia espantado. Emma mal podia culpá-lo. Ninguém do círculo de Zara parecia se importar com os fatos.

— Não ouviram o que Julian disse? — insistiu ele. — O Inquisidor não supervisiona casos em que membros do Submundo violaram os Acordos. Ele não...

[...]

— Todos nós apoiamos os Acordos aqui — disse Manuel, se ajeitando na cadeira.

— Os Acordos foram uma boa ideia — falou Zara. — Mas toda ferramenta precisa ser afiada. Os Acordos precisam de melhorias. Feiticeiros deveriam ser regulados, por exemplo. São poderosos demais, e independentes demais. Meu pai planeja sugerir um registro de feiticeiros ao Conselho. Todo feiticeiro deve dar suas informações à Clave e ser rastreado. Se isso der certo, será estendido a todos do Submundo. Não podemos permitir que andem soltos por aí sem que saibamos por onde eles andam.

[...]

— **Eu sou o único que leu *X-Men* e entendo por que isso é uma má ideia?** — perguntou Kit. [...] (CLARE, 2017, p. 88-89)

É por conta dessa discriminação mais direta que Mark começa a refletir não só sobre o que ocorreu com ele, mas também sobre o que se passou com o Mundo das Sombras desde a Guerra Maligna. Desse modo, sua jornada se torna não apenas uma busca por aceitação e igualdade, mas também uma luta pela transformação dos preconceitos arraigados que dividem a sociedade dos Caçadores de Sombras. Neste contexto, Mark passa a questionar os próprios alicerces da Clave, como ele nos mostra:

— Eu também estava pensando em você.

[...]

— O quê?

— No olhar no seu rosto quando Zara e os amigos estavam falando sobre os integrantes do Submundo no jantar. Sua dor...

Ele riu sem humor.

— Eu devia ter esperado. Se eu tivesse sido um Caçador de Sombras atuante nos últimos cinco anos, sem dúvida, estaria mais acostumado a essas conversas.

— Por causa da Paz Fria?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Quando uma decisão como essa é tomada por um governo, encoraja aqueles que já são preconceituosos a verbalizar seus pensamentos mais

profundos de ódio. Eles supõem que são simplesmente corajosos o suficiente para falarem o que todos realmente pensam.

— Mark...

— Na cabeça de Zara, eu sou odiado — disse Mark. (CLARE, 2017, p. 91-92)

É diante desse contexto que Mark, a família Blackthorn e seus agregados, acreditam cada vez mais que a intolerância na Clave deve ser enfrentada. Dessa forma, no enredo do terceiro livro, *Rainha do Ar e da Escuridão*, acompanhamos as disputas políticas que culminaram em uma batalha, na qual os membros da Tropa tentaram tomar a Clave para si a fim de governar da forma que acreditam, restringindo os poderes dos integrantes do Submundo.

Isso gerou uma grande comoção no Mundo das Sombras, pois até mesmo Nephilim que não simpatizavam com o Submundo acabaram se juntando a seus integrantes para enfrentar a Tropa. Todavia, esse cenário de aliança só foi possível porque a família Blackthorn e seus agregados reuniram, ao longo do livro, várias provas de que o grupo estava mentindo e criando evidências falsas contra fadas e membros do Submundo a fim de manipular o Conselho para conseguir o poder. Dessa forma, muitos Caçadores de Sombras passaram a não confiar nos extremistas.

Assim, a batalha culminou na retenção dos membros da Tropa. Todavia, a Consulesa no poder chocou a todos ao anunciar que presidir a sentença do grupo seria seu último ato no cargo. Segundo ela, era necessário aproveitar a presença de todos os Caçadores de Sombras (incluindo os integrantes da Tropa) para que houvesse uma nova eleição para os dois cargos políticos: Cônsul e Inquisidor.

— E quando eu digo uma eleição aberta — Jia continuou —, quero dizer *uma eleição aberta*. Todo mundo neste salão vai votar. Independentemente da idade; independentemente de estarem realizando Projeção de seus Institutos. Independentemente — acrescentou — de serem membros da Tropa.

Um rugido atravessou o salão.

— Mas eles são criminosos! [...] Criminosos não têm voto!

Jia aguardou pacientemente até que o rugido se aquietasse. Até os integrantes da Tropa a encaravam em confusão.

— Vejam como este Salão do Conselho está cheio — disse ela. As pessoas se viraram em seus assentos para conferir as fileiras lotadas, as centenas de Projeções no fundo. — Vocês estão todos aqui porque ao longo da última semana, e principalmente desde a batalha, perceberam a gravidade da situação. A Clave quase foi tomada por extremistas que teriam nos levado ao isolamento e à autodestruição. **E todos que ficaram quietos e permitiram que isso acontecesse... fosse por falta de atenção, apatia e excesso de confiança...** — Sua voz tremeu. — **Bem. Somos todos culpados. Portanto todos votaremos, como um lembrete de que todas**

as vozes são importantes, e quando você opta por não usar a sua, está se permitindo ser silenciado.

— Mas ainda não entendo por que criminosos devem votar! [...]

— **Porque se não votarem** — disse Diana, se levantando e falando com todo o Salão —, **sempre vão poder dizer que quem quer que seja o novo Cônsul, foi eleito porque a maioria não teve voz. A Tropa sempre floresceu através da mentira de que ela fala por todos os Caçadores de Sombras, de que ela diz o que todos os Caçadores de Sombras diriam se pudessem. Agora vamos testar essa mentira. Todos os Caçadores de Sombras vão falar. Inclusive eles.** (CLARE, 2019, p. 685-686, grifo do autor, grifo nosso)

Os dois candidatos indicados foram Lazlo Balogh, que não lutou ao lado da Tropa, mas compactuava com seus ideais; e Alec Lightwood, um personagem conhecido nas obras de Clare por ser casado com um feiticeiro e lutar ativamente como defensor dos direitos dos integrantes do Submundo. Portanto, ainda que muitos Nephilim se descontentassem com a aproximação com o Submundo, a percepção eminente de que um governo extremista não traria bons resultados sucedeu na eleição de Alec:

— Lightwood acabaria com o Registro de Membros do Submundo — disse Lazlo. — E com a Paz Fria.

— Tem razão, eu acabaria — disse Alec. — Não podemos viver com medo dos integrantes do Submundo. Eles nos deram Portais. Eles nos deram uma vitória sobre Valentim. Eles acabaram de nos dar uma vitória nos Campos. Não podemos continuar fingindo que não precisamos deles, assim como eles não podem fingir que não precisam de nós. Nosso futuro depende de nossa missão: **somos caçadores de demônios, e não caçadores de nossos aliados. Se o preconceito nos atrapalhar, podemos todos morrer.** (CLARE, 2019, p. 689, grifo nosso)

Assim, o desfecho da jornada de Mark Blackthorn na trilogia *Os Artíficos das Trevas* está diretamente ligado à eleição de Alec Lightwood. Tendo em vista o desejo que Mark expressa no livro *Rainha do Ar e da Escuridão* quando entende a sua condição dentro da sociedade, Alec oferece a ele um cargo de embaixador das fadas, e pede sua ajuda para chefiar a Aliança entre integrantes do Submundo e Caçadores de Sombras:

— Gostaria de saber se você gostaria de entrar para a Aliança — convidou Alec. — Não apenas entrar, mas nos ajudar a liderar. Você poderia ser o embaixador do Reino das Fadas agora que a Paz Fria está sendo dissolvida. Não vai ser um processo de curto prazo. Temos muito o que fazer para nos conectarmos com as fadas, e precisamos ajudá-las a entender que o governo de Idris não representa mais a maioria dos Caçadores de Sombras. [...] (CLARE, 2019, p. 705)

Além disso, o encerramento da Paz Fria traz consigo o fim do exílio de Helen e dá liberdade a ela e Mark para serem ativamente Caçadores de Sombras e permanecerem com sua família. Assim, a reintegração dos dois à família Blackthorn simboliza não apenas o resgate de membros perdidos, mas também a superação das adversidades e a renovação dos laços familiares. Isso é mostrado até mesmo na relação de Mark com Julian, que evoluiu muito ao longo da trilogia.

— Jules — recomeçou ele. — Alec me ofereceu um emprego... ajudando a comandar a Aliança... e eu não sei se devo aceitar ou não. Acho que eu deveria ficar aqui e ajudar Helen e Aline enquanto você tira o seu ano sabático, para que você não se preocupe. Você cuidou de tudo por tanto tempo. Eu deveria cuidar das coisas agora. [...]

— Não precisa se preocupar. As coisas não são mais como antes — disse Julian, e pela primeira vez, ao falar isso em voz alta para o irmão, ele realmente acreditou. — No passado, eu tive que tomar conta de tudo porque não tinha mais ninguém que pudesse fazer isso. Mas agora Helen e Aline estão em casa. Elas querem cuidar do Instituto, das crianças; é tudo o que querem há anos. — Ele diminuiu a voz — Você sempre foi parte de dois mundos. Fada e Nephilim. Esse me parece um jeito de você transformar os dois numa força. Então faça isso. Quero que você seja feliz. (CLARE, 2019, p. 708)

Por fim, a auto aceitação de Mark é simbolizada não apenas em seu novo trabalho e relação com a família, mas também em seus relacionamentos românticos. O triângulo amoroso entre ele com uma Caçadora de Sombras e com um príncipe fada remete à uma escolha que a personagem precisa fazer entre um dos dois mundos. Todavia, Clare cria sua primeira representatividade do poliamor em suas obras ao fazê-los formarem um trisal. Logo, o final de *Rainha do Ar e da Escuridão* mostra Mark Blackthorn acolhendo suas partes fada e Nephilim tanto literal quanto metaforicamente, como ele mesmo diz:

— Há muito tempo tenho ficado dividido entre dois mundos. Eu pensava ser um Caçador de Sombras, e dizia a mim mesmo que eu era só isso. Mas percebi que os meus laços com o Reino das Fadas são mais fortes do que eu imaginava. Não posso deixar metade do meu sangue, metade do meu coração, em nenhum dos mundos. Sonho que um dia seja possível ter os dois, mas sei que talvez não aconteça. (CLARE, 2019, p. 438)

Portanto, ao analisarmos a trajetória de Mark Blackthorn, foi possível percebermos os diversos casos de violência e intolerância racial que ele sofreu e os desdobramentos que isso trouxe para sua família e para a sociedade do universo mágico de Clare. Além disso, no decorrer da obra, é possível perceber que a autora se utiliza do racismo que ocorre no nosso mundo para criar analogias em seu

enredo, que se torna uma alegoria da racialização. Dessa forma, o próximo capítulo se destinará a discutir a intolerância racial e a estabelecer paralelos com os livros da trilogia *Os Artíficos das Trevas*.

2. A ANALOGIA DA INTOLERÂNCIA RACIAL EM OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

Em uma perspectiva genética, sabe-se que não há uma real distinção entre raças, visto que todos os indivíduos possuem genótipos próximos o bastante para que essa separação não se sustente. Contudo, popularmente, costuma-se utilizar desse termo para englobar grupos que compartilham determinados traços físicos, como a cor da pele ou o formato dos olhos e nariz, conforme explica Diego Santos:

O termo raça tem uma variedade de definições geralmente utilizadas para descrever um grupo de pessoas que compartilham certas características morfológicas. A maioria dos autores tem conhecimento de que raça é um termo não científico que somente pode ter significado biológico quando o ser se apresenta homogêneo, estritamente puro; como em algumas espécies de animais domésticos. Essas condições, no entanto, nunca são encontradas em seres humanos. O genoma humano é composto de 25 mil genes. As diferenças mais aparentes (cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz) são determinadas por um grupo insignificante de genes. As diferenças entre um negro africano e um branco nórdico compreendem apenas 0,005% do genoma humano. Há um amplo consenso entre antropólogos e geneticistas humanos de que, do ponto de vista biológico, raças humanas não existem. (SANTOS, 2010, p. 122)

É a partir disso que são criados estigmas em torno desses grupos, produzindo preconceitos e estereótipos. Desse modo, entende-se que a divisão da sociedade feita em torno dessa concepção nada mais é, na realidade, do que um jogo político, feito para alimentar as relações de poder preexistentes, como nos diz o sociólogo brasileiro Octávio Ianni:

A raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. **É a dialética das relações sociais que promove a metamorfose da etnia em raça.** A "raça" não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação. Racionalizar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. (IANNI, 2004, p. 23, grifo do autor, grifo nosso)

Diante do exposto, entende-se que essa transmutação de etnia em raça que culmina no racismo ocorre com grupos distintos ao redor do mundo: negros, asiáticos, judeus, povos indígenas, árabes, mexicanos, entre outros. Por sua vez, por criar um mundo com relações sociais próprias mas semelhantes nessas

dinâmicas de hierarquização e poder, a literatura fantástica consegue gerar nos leitores uma identificação com os preconceitos que ocorrem no universo da história.

Sendo assim, Mark Blackthorn, enquanto uma personagem fantástica, pode ser vista como uma alegoria para qualquer etnia não branca. Ao longo do primeiro capítulo, pudemos observar os casos de intolerância sofridos por Mark e sua família e como é feita a construção do universo de Clare. Por sua vez, agora mostraremos como a autora se utilizou das relações sociais e das dinâmicas de poder que pautam o mundo real para criar seu universo. Para tanto, começaremos falando sobre os paralelos da racialização.

2.1 A racialização em *Os Artíficos das Trevas*

A construção do universo fantástico de Clare na trilogia *Os Artíficos das Trevas* reflete paralelos com o processo de racialização presente em nossa sociedade. De acordo com Ianni (2004, p. 23), as "raças" são nada mais do que categorizações criadas para estigmatizar determinados grupos, com base em características que supostamente compartilham em comum. No caso das personagens do livro, esses atributos são definidos pela forma como elas se tornaram integrantes do Submundo e pelos poderes que adquiriram. No mundo real, por sua vez, são feitas de acordo com as diferentes etnias:

Um segredo da constituição da "raça", como categoria social, está na acentuação de algum signo, traço. Característica ou marca fenotípica por parte de uns e de outros, na trama das relações sociais. Simultaneamente, na medida em que o indivíduo em causa, podendo ser negro, índio, árabe, judeu, chinês, japonês, hindu, angolano, paraguaio ou porto-riquenho, está em relação com outros, aos poucos é identificado, classificado, hierarquizado, priorizado ou subalternizado. Mesmo porque uns e outros, indivíduos, grupos, famílias e coletividades estão inseridos em processos de cooperação, divisão social do trabalho social, hierarquização, dominação e alienação, e transformação da marca em estigma, o que se manifesta na xenofobia, etnicismo, preconceito, segregação racismo. **Aos poucos, o traço, a característica ou a marca fenotípica transfigura-se em estigma.** Estigma esse que se insere e se impregna nos comportamentos e subjetividades, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, como se fosse "natural [...]" (IANNI, 2004, p. 23, grifo do autor, grifo nosso)

A construção do estigma, citado por Ianni, diz respeito às ideias e dizeres que circulam dentro de um grupo social e se estabelecem como normas de referência para seus membros. Um exemplo disso é o estereótipo da criminalização de

determinados grupos raciais, em que se generaliza pessoas de determinada raça como perigosas ou propensas à delinquência, reforçando preconceitos e discriminação racial.

Na sociedade brasileira, por exemplo, esse cenário é perceptível por pessoas negras serem vistas como perigosas e criminosas. Isso ocorre por conta de um fator histórico, no qual, logo após a Lei Áurea, o Estado não deu apoio aos ex-escravizados, criando um ambiente propício para que os brancos se desenvolvessem enquanto os negros fossem marginalizados. Dessa forma, tornou-se fácil criar a narrativa de que a criminalidade está atrelada ao fator “cor” e não à falta de assistência e à desigualdade social.

Essa é uma característica que também é perceptível no universo de Clare, em que membros do Submundo não são considerados dignos de confiança por serem muito poderosos e possuírem origem demoníaca. Assim, cria-se a ideia de que eles são perigosos e infringem a ordem imposta pelos Caçadores de Sombras.

Essa divisão em uma sociedade tende a criar uma hierarquização, em que determinado grupo é considerado “melhor” ou “pior” por possuir atributos específicos. Para tanto, atribui-se características positivas, como inteligência e “civildade”, exclusivamente a um grupo étnico específico, enquanto se desvaloriza e estigmatiza os outros. Um exemplo disso foram as chamadas “Missões Civilizadoras” durante o colonialismo (XV e XVI) e o neocolonialismo (século XIX), em que países imperialistas “justificavam” a exploração de territórios africanos, asiáticos e americanos ao afirmarem que estavam levando a “civilização” para aqueles povos. Assim, é perceptível em seus discursos a ideia de que o europeu é superior aos demais, conforme nos fala Ianni:

Racionalizar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder. Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades. Sob todos os aspectos, a “raça” é sempre “racialização”, trama de relações no contraponto e nas tensões “identidade”, “alteridade”, “diversidade”, compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação. (IANNI, 2004, p. 23, grifo do autor, grifo nosso)

No caso dos Nephilim, como foi visto no capítulo anterior, o traço que os faz se sentirem superiores é a presença do sangue angelical, ao passo que o

Submundo possui origem demoníaca. Isso fica evidente até mesmo na concepção do universo de Clare, uma vez que os Caçadores de Sombras sentem a necessidade de criar uma outra categoria (o Submundo) para que não sejam vinculados àqueles que consideram inferiores.

— Ora, Alec — continuou ela. — A verdade é que Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo não *devem* ficar juntos. Você e Bane são uma desgraça. **Mas você não consegue ficar satisfeito com o fato da Clave ter permitido a você perverter sua linhagem angelical.** Não. Você tem que forçar isso pra cima da gente.

— Sério? — falou Kieran, que Kit quase esqueceu que estava lá. — Vocês *todos* têm que dormir com Magnus Bane? Que excitante para vocês. (CLARE, 2017, p. 573, grifo do autor, grifo nosso)

Na situação exposta, observamos a personagem Zara discriminando o Caçador de Sombras Alec por ele namorar com um feiticeiro, Magnus Bane. Segundo ela, um Nephilim ter um envolvimento romântico com um membro do Submundo é uma depravação de sua origem angelical. Além disso, podemos perceber em seu discurso, que ela sequer acredita que a Clave deveria permitir relacionamentos interracialis e homoafetivos.

Outro exemplo em que podemos perceber nitidamente essa hierarquização é no próprio termo “Ascensão”. Conforme foi dito, ele se refere aos mundanos que são transformados em Caçadores de Sombras ao beberem do Cálice Mortal. Todavia, essa palavra significa a “alteração de uma condição inferior para outra superior; progresso.”⁸ Isso nos mostra que os Nephilim, de fato, se veem como melhores, uma vez que se tornar um deles é considerado uma “evolução” dentro daquela sociedade.

Vinculado a isso, tem-se também a questão de que integrantes do Submundo não podem beber do Cálice Mortal por conta da nocividade da substância para sua espécie, dado que eles podem até mesmo vir a óbito. Essa distinção, baseada em uma diferença biológica, é instrumentalizada para consolidar o status privilegiado dos Caçadores de Sombras e, conseqüentemente, para marginalizar e estigmatizar aqueles que não compartilham dessa mesma linhagem. Dessa forma, a Ascensão revela-se não apenas como um processo de transformação individual, mas também como uma construção social que sustenta e legitima a desigualdade entre diferentes grupos dentro do universo de Clare.

⁸ (DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS)

Assim, torna-se cada vez mais evidente que a racialização trata-se de um processo social, pautado nas relações de poder. No caso, como os Caçadores de Sombras detém o poder na sociedade, estigmatizam os outros povos e os subjagam, como o que ocorreu nas Missões Civilizadoras na África, na Ásia e nas Américas, em que os europeus se viam como superiores em relação aos nativos. Essa técnica, inclusive, é utilizada como forma de se manter naquela posição, preservando a hierarquização que já foi instaurada e que os beneficia.

E é justamente visando a manutenção da estrutura social que a Tropa almeja alcançar o poder da Clave, a fim de colocar em prática seus planos de restringir os direitos dos integrantes do Submundo. Pois, desse modo, ela poderá perpetuar a desigualdade e a supremacia dos Caçadores de Sombras. Isso é expresso, inclusive, na fala da personagem Zara:

— Eu não odeio membros do Submundo [...] Os Acordos não funcionam. A Paz Fria não funciona. Os Integrantes do Submundo não seguem nossas regras, nem quaisquer regras que não tenham interesse em seguir. Eles rompem a Paz Fria sempre que sentem vontade. **Nós somos guerreiros. Demônios devem nos temer. E integrantes do Submundo devem nos temer. Antigamente fomos grandiosos; fomos temidos e governávamos. Agora somos uma sombra do que costumávamos ser.** Só estou dizendo que, quando os sistemas não funcionam, quando nos trouxeram ao estágio em que estamos agora, precisamos de um novo sistema. Melhor. (CLARE, 2017, p. 114, grifo nosso).

De forma análoga, isso ocorre no Brasil, em que a pouca representatividade de pessoas negras e indígenas no governo acarreta em um processo de evolução muito lento rumo à equidade, visto que os interesses dessa parcela da população não são representados. Inclusive, esse foi o primeiro ato que os Nephilim fizeram após a Guerra Maligna: excluir o representante fada do Conselho, para que as necessidades desse povo não fossem mais consideradas. Assim, em ambos os casos, o antagonismo à mudança e a insistência em sistemas que favorecem um grupo em detrimento de outros revelam a resistência à verdadeira equidade e inclusão.

Nesse contexto, podemos voltar a analisar especificamente a questão das fadas e da Paz Fria. A princípio, é necessário dizer que o motivo pelo qual a Corte Seelie se aliou com Sebastian Morgenstern contra os Nephilim foi justamente a repressão e preconceito que o Submundo sofreu por anos. Desse modo, a Paz Fria

apenas exacerbou o sentimento de vingança que as fadas nutriam, o que culminou em uma revolta no terceiro livro.

Nesse sentido, é interessante traçar paralelos entre o enredo de Clare e fatos históricos. No capítulo anterior (página 18), foi falado sobre os termos da Paz Fria, que se assemelham com o Tratado de Versailles, o qual a Alemanha precisou assinar após sua derrota na Primeira Guerra Mundial. Desse modo, “avaliações extremas sobre o Tratado confluem para uma conclusão única e questionável: sua responsabilidade pela Segunda Guerra Mundial” (ARARIPE, 2012, p. 232). De forma análoga, a Paz Fria fez florescer ainda mais a cólera e o desejo de vingança que seu povo sentia, desencadeando em outra batalha no terceiro livro, *Rainha do Ar e da Escuridão*.

Outra comparação que podemos fazer foi sobre a construção de muros para delimitar o tráfego de pessoas. Em um viés geopolítico, essas estruturas são chamadas de fronteiras artificiais e são muito comuns ao longo da história. Dentre elas, “cabe sem dúvida à China, a primazia de haver construído a maior fronteira artificial do mundo, a famosa Grande Muralha” (MARTIN, 1997, p. 4), além do Muro de Berlim, na Alemanha.

No entanto, em *Os Artíficos das Trevas*, nos chama atenção um caso contemporâneo: o muro fronteiriço entre os Estados Unidos e o México. Para entendermos essa analogia, é preciso saber que os latinos enfrentam significativa discriminação nos Estados Unidos, associados ao estigma de serem criminosos, trabalhadores não qualificados e, principalmente, imigrantes ilegais. Assim, ainda que essa edificação já exista desde os anos 90 para delimitar as fronteiras, o tema se tornou famigerado durante a campanha (2016) e o governo (2017-2021) de Donald Trump, então presidente americano, uma vez que ele defendeu a fortificação do muro sob a alegação de imigrantes mexicanos como ameaças.

Desse modo, tendo em vista que a trilogia foi escrita por Clare concomitantemente à campanha e ao mandato de Trump, mesmo que não possamos afirmar que essa era a intenção da autora, é possível percebermos algumas correlações. A princípio, temos a presença da personagem Cristina, a primeira mexicana a ganhar um papel de destaque em suas obras e que, inclusive, é uma imigrante nos Estados Unidos, visto que a residência dos Blackthorn (onde está hospedada) fica em Los Angeles. Ademais, a escritora aborda a questão da fronteira física ao colocar os membros da Tropa sugerindo a construção de um muro para

cercar o Reino das Fadas, sob o argumento de que elas são traiçoeiras e precisam ser banidas:

— Minha filha está certa — falou ele. — O povo fada tem fraquezas, como todos do Submundo. Eles não foram criados por Deus nem pelo nosso Anjo. Eles têm falhas, que nós nunca exploramos, mas mesmo assim, eles exploram nossa misericórdia e zombam de nós.

— O que você está sugerindo? — perguntou Trini. — Um muro para cercar o Reino das Fadas?

[...]

— **Vocês riem — falou ele —, mas portões de ferro em todas as entradas e saídas do Reino das Fadas seriam de grande ajuda para evitar suas incursões em nosso mundo.** (CLARE, 2019, p. 28, grifo nosso)

Portanto, pode-se perceber uma tentativa de racionalizar os atos racistas. No contexto, tanto os Estadunidenses quanto os Nephilim da Tropa usam do ódio que sentem e criam uma justificativa para a construção de fronteiras artificiais e para a marginalização de determinados grupos étnicos. No caso, os americanos constroem a narrativa do imigrante ilegal e os Caçadores de Sombra de que as fadas não cumprem a Paz Fria e as leis, logo não podem sair de suas terras. Segundo Ianni, essa também é uma forma de estigmatizar e racionalizar

O racista fundamenta em argumentos que parecem consistentes e convincentes a sua “taxionomia” e “hierarquização”, distinguindo, delimitando, segregando ou estranhando o “outro”: negro, árabe, judeu, índio chinês, oriental e assim por diante. São estereótipos, signos, símbolos mobilizados ao acaso das situações elaboradas no curso de anos, décadas, séculos, com os quais o “branco”, “dolicocefalo”, “europeu”, “ariano”, “norte-americano”, “ocidental” explica, legitima, racionaliza ou naturaliza a sua posição e perspectiva privilegiadas, de controle de instrumentos de poder. Nesse sentido é que essa ideologia é uma técnica de estigmatização recorrente, reiterada em diferentes formulas e verbalizações, desenvolvendo a metamorfose da marca em estigma. (IANNI, 2004, p. 24, grifo do autor)

Esse mesmo processo é o que ocorre com Mark Blackthorn. Após a Guerra Maligna, os integrantes preconceituosos da Clave utilizam da traição das fadas Seelie para argumentar que elas não podem ser confiáveis. Todavia, não levam em consideração que elas se rebelaram por conta dos anos de repressão e preconceito que sofreram dos Caçadores de Sombras. Por conta disso, o Conselho decide não salvar Mark criando um argumento ilógico de que simplesmente por ele ser metade fada tem uma natureza torpe. Como a própria personagem Magnus Bane diz: “A Paz Fria é desprezível [...] Punir uma espécie inteira pelo erro de alguns. Negar-lhes

direitos. Exilar sua irmã [...]” (CLARE, 2016, p. 135-136). Para Ianni, esse é um processo em que o intolerante fabrica o objeto de seu ódio.

Na fábrica da sociedade burguesa, envolvendo a individualização e o individualismo, a competição e o êxito pessoal, o status socioeconômico e a classificação social, formam-se personalidades democráticas e autoritárias, tanto quanto estóicas e apáticas, egoístas e altruístas, neuróticas e psicóticas. Sendo que esses traços, ou estruturas de personalidade, às vezes exercem um papel decisivo no modo pelo qual o indivíduo em causa se relaciona com o “outro” ou os “outros”, tomados como estranhos, exóticos, diferentes, irreconhecíveis, ameaças. Conforme sugerem Adorno, Sartre e outros, **o intolerante, preconceituoso ou racista, inventa o objeto de sua intolerância, ódio, agressão, podendo ser negro, árabe, judeu; por diferente, surpreendente. Sem esquecer que aquele que marginalizado ou estigmatizado desenvolve uma consciência social singularmente sensível, fina, arguta, incômoda; traduzindo-se geralmente em mais lucidez, maior discernimento, o que é também diferente e surpreendente.** (IANNI, 2004, p. 24, grifo do autor, grifo nosso)

Desse modo, mesmo após provar sua lealdade ao informar os planos das fadas no decorrer da Guerra Maligna, os membros da Clave ficam tão presos a um medo irracional que corporificam em Mark Blackthorn os estigmas em que acreditam. Logo, nota-se que ele e sua irmã foram exilados apenas por um motivo: possuírem o sangue em comum com o Povo das Fadas. Contudo, conforme foi dito no capítulo anterior, é apenas ao longo da trilogia que Mark começa a desenvolver essa consciência: “— Na cabeça de Zara, eu sou odiado — disse Mark. Seus olhos estavam sombrios. — Tenho certeza de que o pai dela faz parte daquele grupo que exige que Helen permaneça presa na Ilha de Wrangel.” (CLARE, 2017, p. 92). Segundo Ianni, esse processo faz parte da percepção que o estigmatizado faz de seu papel na sociedade, pois

[...] o estigmatizado desenvolve a sua percepção, sensibilidade, compreensão; construindo e reconstruindo a sua consciência no contraponto do “eu” e do “outro”, do “nós” e do “eles”, dos “subalternos”, dos “dominantes”. Assim, aos poucos, ou de repente, realiza um entendimento mais amplo e vivo de qual é a sua real situação, quais são os nexos do tecido social no qual está emaranhado, de como essa sua situação implica decisivamente a ideologia e a prática dos que discriminam. Esse o percurso em que se desenvolve a consciência crítica, a autoconsciência ou a consciência para si, reconhecendo que é desde essa autoconsciência crítica que nasce a transformação, a ruptura ou a transfiguração. (IANNI, 2004, p. 25, grifo do autor)

Portanto, por meio da análise realizada a respeito da racialização e das relações que pautam a sociedade, conseguimos traçar diversos paralelos entre

como esse processo ocorre no nosso mundo e como foi retratado no universo de Clare. Sendo assim, agora iremos entender a alegoria e o fantástico e como eles são construídos pela autora para que isso fosse feito.

2.2 A alegoria na literatura fantástica e seu papel social

Foi o crítico búlgaro Tzvetan Todorov, na década de 1970, quem sistematizou de forma mais rígida os estudos acerca da literatura fantástica, propondo uma organização sistêmica e a caracterizando em diversos subgêneros. Para Todorov, o fantástico existe a partir da dúvida, do limiar, entre o real e o irreal.

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. O fantástico ocupa o tempo desta incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. **O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural. O conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário, e estes últimos merecem algo mais que uma simples menção.** (TODOROV, 1980, p. 15-16, grifo nosso)

Contudo, Todorov se conteve em analisar o fantástico se atendo ao conteúdo da obra literária, partindo do princípio de que ela fala por si, pois “para o teórico a obra é como um todo coerente e estruturado, em que cada elemento não se articula fora da relação com os outros elementos, portanto, o sentido da obra está na obra, e não fora dela.” (ALBERTI; FURUZATO, 2018, p. 6). Dessa forma, ele não leva em consideração o fantástico como alegoria.

A alegoria, segundo Carlos Ceia, “[...] é aquilo que representa uma coisa para dar a ideia de outra através de uma ilação moral” (1998, p. 1). Desse modo, ela funciona como uma metáfora ampliada, uma outra forma de representar a realidade, desempenhando uma função crítica, que pode ser feita dentro do gênero fantástico. Todavia, considerando que Todorov acredita que a obra literária precisa se bastar por ela mesma e deve ser analisada de forma autônoma, sem recorrer a

interpretações externas, sua conceituação do fantástico destoa da alegoria, conforme João Felipe Oliveira explica sobre Todorov:

A alegoria também não seria comum ao fantástico, uma vez que funcionaria como uma proposição de duplo sentido (o literal, que se apaga, e o espiritual, que permanece), e ela tem que estar explicitamente indicada dentro do texto, caso contrário toda literatura seria alegórica. O fantástico seria anulado pela alegoria, pois ele está ligado ao sentido literal, que na alegoria é apagado, não havendo nela uma leitura dependente da ambiguidade e da hesitação.

Talvez aí Todorov incorra num excesso de rigor e trabalhe com algumas acepções muito restritas, principalmente envolvendo a alegoria, o que acaba por limitar e turvar sua visão para as possibilidades do fantástico. (OLIVEIRA, 2011, p. 23-24)

Por conta disso, contamos, também, com as contribuições sobre literatura fantástica do teórico contemporâneo David Roas. Segundo ele, apesar do estudo de Todorov ser “fundamental nos estudos sobre o gênero fantástico [...] Sua intenção, em última instância, é elaborar uma caracterização formal do gênero” (ROAS, 2014, p. 40). Desse modo, entendemos que Todorov propôs um sistema capaz de catalogar as diversas formas de representação do fantástico, a depender da percepção que o leitor tem dos acontecimentos da obra.

Contudo, essa concepção da literatura fantástica, apesar de pertinente, não é capaz de contemplar todas as suas nuances, uma vez que é limitada no âmbito da interpretação. Segundo Roas, o fantástico parte de uma transgressão do mundo real. Logo, a verossimilhança se faz presente e necessária para que possa ser confrontada.

É evidente, portanto, a necessária relação do fantástico com o contexto sociocultural: precisamos contrastar o fenômeno sobrenatural com nossa concepção do real para poder qualificá-lo de fantástico. Toda representação da realidade depende do modelo de mundo de que uma cultura parte [...] (ROAS, 2014, p. 39)

Dentro desse contexto, o fantástico é feito no embate entre o real e o sobrenatural coexistindo. Nesse sentido, é de extrema importância que os leitores confrontem a história ficcional com sua própria realidade. Ao se deparar com elementos fantásticos (no caso de Clare, um mundo repleto de Caçadores de Sombras, feiticeiros e fadas, por exemplo), o leitor é levado a refletir sobre seu mundo real e suas próprias crenças. Essa relação entre o fictício e o real cria um diálogo entre a história e a vida do leitor, despertando questionamentos sobre a

própria existência. Para Roas, essa é uma importante característica da literatura fantástica, conforme ele nos mostra:

Por que essa história fantástica impressiona os leitores? Para além da habilidade do narrador em comunicar o escândalo (e o temor) do protagonista, para além da verossimilhança em que está mergulhado o conto todo, a inquietude que o leitor experimenta nasce da relação inevitável que estabelece entre a história narrada e seu próprio mundo, entre um fato ficcional e sua própria realidade. (ROAS, 2014, p. 110)

Assim, como foi mostrado na seção anterior, a trilogia *Os Artíficos das Trevas* cria um universo fantástico semelhante nas relações das estruturas sociais e hierarquização do poder, culminando na racialização. É nesse sentido que as teorizações de Roas se aproximam do conceito da alegoria mostrados por Ceia (1998, p. 5), que a descreve como "uma verdade escondida sob bela mentira".

Portanto, no que tange a racialização sofrida pela personagem Mark Blackthorn, o universo fantástico de Clare é uma alegoria para a nossa sociedade, servindo como uma crítica ao extremismo e à intolerância racial. Segundo Roas, "O mundo construído nos contos fantásticos é sempre um mundo em que de início tudo é normal e que o leitor identifica com sua própria realidade. [...] a construção do mundo textual parece estar destinada a demonstrar que ele funciona de modo idêntico ao real" (2014, p. 110). Essa abordagem permite a exploração das complexidades e as consequências do preconceito racial de maneiras únicas, desafiando a visão estabelecida e convidando os leitores a questionar e repensar suas próprias crenças e atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinarmos a construção narrativa na literatura fantástica, torna-se evidente que autores criam um mundo com relações sociais próprias, mas semelhantes às dinâmicas do mundo real e, portanto, os indivíduos não brancos conseguem se identificar naquele universo. Essa abordagem permite a exploração das complexidades e as consequências do preconceito racial, desafiando a visão estabelecida e convidando os leitores a questionar e repensar suas próprias convicções e práticas.

É nesse contexto que explorar as obras de fantasia que abordam a intolerância racial se torna importante. Ao criar mundos alternativos e personagens extraordinários, a literatura fantástica oferece um espaço seguro para explorar as dinâmicas sociais e raciais de uma maneira que muitas vezes é difícil ou até mesmo perigosa na realidade. Autores e autoras têm a liberdade de questionar hierarquias e desconstruir preconceitos, permitindo que leitores e leitoras se engajem emocionalmente e intelectualmente com essas narrativas. Desse modo, somos convidados a refletir criticamente sobre as estruturas sociais que perpetuam esses imaginários e a discriminação.

No contexto da trilogia *Os Artíficos das Trevas*, de Cassandra Clare, seu universo fantástico funciona como um espelho distorcido de nossa própria realidade, permitindo-nos examinar as implicações das representações raciais e compreender as consequências dos preconceitos e da discriminação. No entanto, é importante lembrar que a literatura por si só não pode resolver todos os problemas relacionados à intolerância racial. Ela desempenha um papel significativo na educação, na conscientização e na promoção da empatia, mas é necessário um esforço coletivo para enfrentar e combater o racismo em todas as suas manifestações na sociedade.

Dessa forma, a literatura fantástica oferece um terreno fértil para explorar e desconstruir as noções de superioridade e inferioridade racial, desafiando imaginários e promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária. Ao nos envolvermos com essas narrativas, somos encorajados a adotar uma postura crítica e a trabalhar para construir uma sociedade mais justa, na qual a diversidade seja valorizada e respeitada.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Adrianna; FURUZATO, Fabio Dobashi. Deixa ela entrar: A realidade como inquietação do fantástico. **Revista de letras Juçara**, Caxias, v. 2, n. 1, p. 189-205, jul. 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.18817/rlj.v2i1.1553>> Acesso em: 20 maio 2023.

ARARIPE, Luiz de Alencar. Tratado de Versalhes (1919). In: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História da paz: os tratados que desenharam o planeta**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CEIA, Carlos. Sobre o conceito de alegoria. **Matraga**, Lisboa, Portugal, n. 10, 1998. Disponível em <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga10ceia.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2023.

CHIAPPINI, Ligia; LEITE, Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1997.

CLARE, Cassandra. **Os Artifícios das trevas: Dama da meia noite**. Tradução Rita Sussekind. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

_____. **Os Artifícios das Trevas: Senhor das Sombras**. Tradução Rita Sussekind e Ana Resende. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera, 2017.

_____. **Os Artifícios das Trevas: Rainha do Ar e da Escuridão**. Tradução Rita Sussekind e Ana Resende. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera, 2019.

DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Ascensão**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ascensao/>> Acesso em: 10 nov. 2023.

GADELHA, Dariana Paula Silva. A configuração dos narradores de Lucíola e Dom Casmurro. **Revista Entrelaces**, Ceará, v. 1, n. 4, p. 16-32, 2014.

GRUPO EDITORIAL RECORD - CASSANDRA CLARE. **Página da autora Cassandra Clare**. Disponível em: <<https://www.record.com.br/autores/cassandra-clare-2/#:~:text=Seus%20livros%20s omam%20mais%20de%2036%20milh%C3%B5es%20de>> Acesso em: 14 out. 2023.

IANNI, Octavio. **O preconceito racial no Brasil**. v. 18. n. 50. São Paulo, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100003>> Acesso em: 21 maio 2023.

MARTIN, André Roberto. **Fronteiras e Nações**. São Paulo: Contexto, 1997.

MY BIO - CASSANDRA CLARE. **Site oficial da autora**. Disponível em: <<https://cassandraclare.com/about/>> Acesso em 22 maio 2023.

OLIVEIRA, João Felipe Alves de. **Na companhia do outro rosto da realidade: Carlos Fuentes e o diálogo com a literatura fantástica**. 2011. Dissertação (pós-graduação em letras: estudos literários) - Faculdade de Letras da Universidade

Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em:
<<http://www.repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/2648/1/joaofelipealvesdeoliveira.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução Julián Fuks. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

SANTOS, Diego Junior da Silva et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press Journal of Orthodontics**, v. 15, p. 121-124, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

WIKIA SHADOWHUNTERS BR. **Site dos fãs de Caçadores de Sombras no Brasil**. Disponível em:
<https://shadowhunters.fandom.com/pt-br/wiki/Mark_Blackthorn> Acesso em 25 maio 2023.

GLOSSÁRIO

Acordos: tratado de paz e cooperação entre os Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo.

Aliança: organização de membros do Submundo e Nephilim que visa instituir a paz entre as espécies.

Ascensão: processo em que um mundano bebe do Cálice Mortal para se tornar um Caçador de Sombras.

Caçada Selvagem: organização das fadas, independente das duas cortes, com a qual Mark Blackthorn permaneceu durante seu afastamento.

Caçadores de Sombras: também conhecidos como Nephilim, são humanos com sangue angelical que lutam secretamente contra demônios para proteger a terra.

Cálice Infernal: é o equivalente demoníaco do Cálice Mortal, que transforma Nephilim em guerreiros Crepusculares.

Cálice Mortal: cálice sagrado para os Nephilim, capaz de transformar em Caçador de Sombras o mundano que dele beber.

Centuriões: são Nephilim que estudaram e se formaram na Academia dos Caçadores de Sombras, uma escola especializada, e são mandados para missões especiais.

Clave: é composta por todos os Caçadores de Sombras ativos com mais de 18 anos, podendo participar das discussões e votações.

Conselho: é o corpo governante da Clave, responsável pela criação das leis, e composto por uma equipe de Nephilim e um representante de cada tipo de membro do Submundo.

Cônsul: presidente do Conselho, interpreta às Leis, supervisiona julgamentos e aponta os líderes de cada região. Convoca os Conselhos e julga as disputas de Caçadores de Sombras.

Corte Seelie: uma das cortes das fadas, governada pela Rainha Seelie.

Corte Unseelie: uma das cortes das fadas, governada pelo Rei Seelie.

Crepusculares: são Nephilim corrompidos após beberem do Cálice Infernal.

Guerra Maligna: foi a grande batalha de Nephilim e integrantes do Submundo contra Sebastian Morgenstern, com seus guerreiros Crepusculares, e seus aliados fada da Corte Seelie.

Inquisidor: um alto funcionário da Clave, que deve investigar os Nephilim certificando-se de que não transgridam a Lei.

Mundano: são pessoas comuns, que não fazem parte (e muitas vezes não sabem da existência) do Mundo das Sombras.

Mundo das Sombras: é a parte sobrenatural e oculta do mundo, no qual o Submundo e os Nephilim coabitam em segredo.

Nephilim: também conhecidos como Caçadores de Sombras, são humanos com sangue angelical que lutam secretamente contra demônios para proteger a terra.

Pacto: é a Lei dos Caçadores de Sombra.

Paz Fria: lei dos Caçadores de Sombras que pune as fadas após a traição na Guerra Maligna.

Submundo: é formado pelas criaturas sobrenaturais com sangue demoníaco, apesar de possuírem almas humanas. Eles podem ser feiticeiros, fadas, lobisomens ou vampiros.

Tropa: grupo extremista de Caçadores de Sombras que quer restringir os integrantes do Submundo.